

NaRede é uma publicação da Faculdade de Artes da Universidade Federal do Amazonas (Faartes/Ufam), no âmbito do projeto de extensão “Comunica Faartes”.

Coordenadores: Prof. Dr. João Gustavo Kienen e Profa. Dra. Lucyanne de Melo Afonso

Editor: TAE Me. Rosiel Mendonça

Diagramação e identidade visual: Darc Anne Ferreira (Bolsista)

Textos: João Gustavo Kienen, Lucyanne de Melo Afonso, Rosiel Mendonça, Susã Alves e Alexandre Castro

EM DESTAQUE



Minter em Artes Visuais tem primeiro exame de qualificação

Em agosto, ocorreu o primeiro exame de qualificação do Mestrado Interinstitucional (Minter) em Artes Visuais, oferecido pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam) em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O mestrando Maximilian Medeiros Rodrigues, de Parintins, apresentou os resultados parciais da pesquisa “Produção em arte digital: a água como elemento artístico na fotografia com smartphone”, orientada pela Profa. Dra. Teresinha Barachini (UFRGS). Segundo Maximilian, a dissertação aproxima o conceito de arte e tecnologia a partir da produção da fotografia artística.

NOTA MÁXIMA EM AVALIAÇÃO DE COMITÊ DO PIBIC

Cinco pesquisas da Faculdade de Artes receberam nota máxima em avaliação do Comitê de Letras, Linguística e Artes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) da Ufam. Com isso, a Faartes teve cinco das 10 pesquisas mais bem avaliadas nessa área do conhecimento, no período 2020/2021.

Os resultados das pesquisas (3 de Música e 2 de Artes Visuais) foram apresentados durante o 30º Congresso de Iniciação Científica (Conic) da Ufam no mês de novembro. E essa não foi a única notícia boa: para a edição 2021/2022 do Pibic, a Faartes teve 14 projetos aprovados pela Propesp, nas áreas de Música e Artes Visuais.



Egresso recebe medalha de mérito da Assembleia

O professor Eiel Cavalcante dos Santos, egresso do curso de Educação Artística da Ufam, foi condecorado com a Medalha do Mérito Legislativo Educacional “Professora Ignês de Vasconcellos Dias”, da Assembleia Legislativa do Amazonas (Aeam). A indicação do homenageado foi realizada pelo Fórum de Educação do Amazonas.

Eiel Cavalcante graduou-se pela Ufam em 2002, no curso de Educação Artística, que deu origem à atual Faculdade de Artes (Faartes). Atualmente, está estabelecido na antiga Escola Prof. Paulo Freire.



Professor Evandro Ramos defende Memorial Acadêmico para Titular

O Prof. Dr. Evandro de Moraes Ramos, da Faartes, alcançou com êxito os requisitos para promoção funcional à classe de professor titular da Ufam. No mês de outubro, ele fez a defesa do memorial acadêmico,

com um relato oral, escrito e fotográfico da sua carreira acadêmica (formação básica e superior) e administrativa (diretor do Centro de Artes da Ufam/Caua e Centro de Educação a Distância/CED).

A Comissão Especial de Avaliação foi presidida pela professora Claudia Guerra Monteiro (Ufam), tendo como membros as professoras Kátia Morosov Alonso (UFMT), Lúcia Gouvêa Pimentel (UFMG) e o professor Aparecido José Cirilo (UFES).

Evandro de Moraes Ramos ingressou como professor na Ufam em janeiro de 1991, com lotação no curso de Arte. É licenciado em Matemática, com especialização em Design em Produtos de Madeira e doutorado em Tecnologias Educativas pela Universidade de Ilhas Baleares (Espanha)



+MAIS

EXTENSÃO

A Faartes teve quatro projetos aprovados no Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex), com uma bolsa para cada projeto, conforme a lista: Orquestra Sinfônica da Ufam; Coro de Câmara da Orquestra Sinfônica da UFAM (Osufam); Arte-Educação - metodologias para professores da educação infantil; e Comunica Faartes.

INTERIOR

A Ufam oferta, pela primeira vez, a Licenciatura em Música na modalidade EaD, que já conta com o curso de Licenciatura em Artes Visuais. Ao todo, foram abertas 200 vagas para o curso, divididas entre os municípios de Coari, Itacoatiara, Manacapuru, Parintins e Tabatinga.

PÓS-GRADUAÇÃO

No início de dezembro, aconteceu o I Seminário do Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes) - Ufam/UEA, com o tema “Poéticas e Práticas de Reinvenção na Pesquisa e Formação em Artes no Amazonas”. A programação contou com apresentações orais e artísticas, além de mesas redondas e palestra.

PRESEÇA ONLINE

Durante o ensino remoto, a programação de eventos da Faculdade de Artes para os públicos interno e externo não parou. Em setembro, tivemos as atividades do Setembro Amarelo, com a abertura da exposição “Mãos, palavras do corpo” (GAU), além de palestras com convidados. Em outubro, a programação continuou com o Seminário da Residência Pedagógica e com o ciclo de revisões para o Enade, que reuniu professores da Faartes e de outras unidades da Ufam.

INTERNACIONAL

Nossa Faculdade foi uma das colaboradoras da primeira edição do Programa de Mobilidade Virtual Internacional - Destino Brasil, promovida pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes).

Ao longo dos meses de julho e agosto, a iniciativa ofertou ao público brasileiro e estrangeiro mais de 100 cursos livres em diversas áreas. “Culture and art in the Amazon” (“Cultura e arte na Amazônia”) foi o tema do curso elaborado pela Faartes, com colaboração da Profa. Dra. Rosemara Staub, Profa. Dra. Claudia Carneviskis e Profa. Me. Priscila Pinto e apoio da Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (ARII/Ufam).



MURAL



NECROMANAS

Performance baseada na obra de Regina José Galindo

Artista: Talita Araujo Queiroz (Mestranda do Prof-Artes)

Redes sociais: @talitaaraujoqueiroz @profartes_talita

<https://youtu.be/5DBA4sOSymA>



BOTO VOADOR

Artista: Jeff Aguiar (Discente de Artes Visuais/Matutino)

Redes sociais: @jeffesun



ÓPERA "TOLOMEU E ALESSANDRO"

Temporada de Ópera on-line 2021 - Grande Teatro Cemig Palácio das Artes (Belo Horizonte/MG)

Artista: Sérgio Anders (Docente de Música)

Redes sociais: @sergioandersct

<https://youtu.be/Kai65yZ0Em0>



SEM TÍTULO

Artista: Lucyanne Afonso (Docente de Música/Matutino)

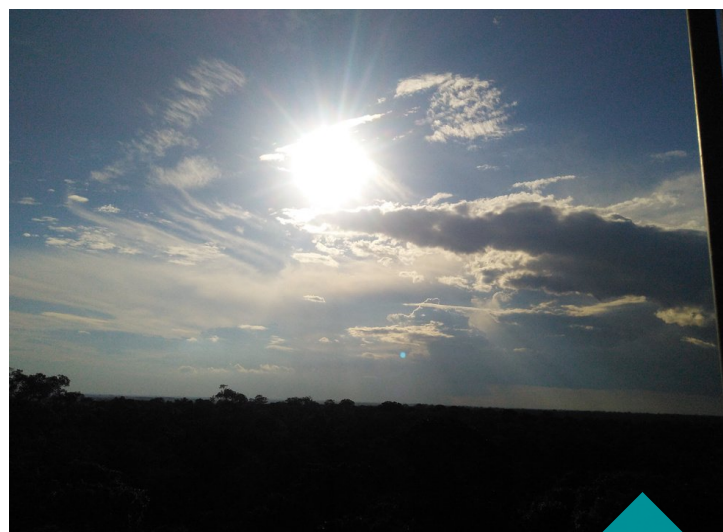
Redes sociais: @lucyanneafonso



ENCERRAMENTO DA DISCIPLINA PRÁTICA DE CONJUNTO MUSICAL II

Orientação: Maria Grigorova

<https://youtu.be/5IH1linUia0>



SEM TÍTULO

Artista: Lucyanne Afonso (Docente de Música/Matutino)

Redes sociais: @lucyanneafonso

PERFIL

Deborah Erê (@deborah_ere)

https://www.instagram.com/deborah_ere/

Nascida em São Caetano do Sul (SP), é grafiteira, tatuadora, professora de Artes em duas escolas estaduais de Manaus e ARTivista ambiental. Graduiu-se em Artes Visuais pela Ufam. Na Casa da Sereia, no Parque 10, onde funciona seu ateliê de arte e estúdio de tatuagem, ela trabalha em colaboração com as artistas Nádja Khristina, Malu Menezes e Dani Lira.



Crédito: Hanna Gonçalves

Quem é Deborah Erê?

Uma devota da Deusa Arte!

Quando e como a arte entrou na sua vida?

A arte sempre esteve presente, até mesmo antes de eu nascer. Quando ainda estava na barriga da minha mãe eu já podia ouvir as músicas que ela cantava pra mim. Eu sempre amei a arte. Porém eu só descobri que eu também poderia ser artista aos 18 anos, quando comecei a me dedicar ao desenho e à pintura e entrei num curso de Artes lá em São Paulo.

Como é sua relação com o grafite? O que ele representa na sua trajetória como pessoa, artista, cidadã?

O graffiti é a vertente das Artes à qual eu mais me identifico e pratico. Ele foi a ferramenta que eu escolhi (e fui escolhida) pra transmitir mensagens ao Mundo. Ele representa um “modo de dizer” que amplia a minha mensagem e a torna visível, colorida, gritante. Ela fica muito acessível a todos e também muito em destaque. E foi através dele que revelei às pessoas o que eu tenho a dizer.



Crédito: Hanna Gonçalves



Crédito: Deborah Ere

As redes sociais (digitais ou não, coletivos, etc) são importantes para o teu trabalho?

Muito! A internet possibilitou uma quebra das distâncias geográficas, e agora tem pessoas de todo o Brasil (ou mais!) que conhecem os graffitis que faço aqui em Manaus. Amplia demais o alcance do meu trabalho! É uma das primeiras coisas que alguém olha quando pensa em fazer um orçamento comigo, então eu levo bem a sério a coisa de alimentar o meu Instagram com boas imagens dos meus trabalhos. Pra mim, ele tem mais essa finalidade profissional, como um salão onde a pessoa pode entrar, ver o que eu faço, falar comigo e deixar sua opinião no meu mural.



Crédito: Deborah Ere

Como define o seu estilo?

Eu não curto tanto as definições! É mesmo verdade que “quem se define se limita”, então numa hora eu posso querer fazer sereias, em outra hora posso querer pintar uma frase, ou até o meu nome, animais, plantas. É um processo muito intuitivo.

O que te influencia? Está atenta a quais temas/questões?

Sou influenciada por experiências bem diversas. Observar a natureza, ler poesias, livros, ver filmes, compartilhar um almoço, cuidar do meu jardim, as crianças e adolescentes das escolas em que eu trabalho. Toda a biodiversidade que me cerca. A vida é muito inspiradora! Também estou muito atenta às questões sociais e ecológicas, sou ativista ambiental e feminista. Busco dialogar sobre a produção do lixo, sobre a despoluição dos rios e igarapés, sobre a noção de que “Somos o Mundo”. E também o feminismo, que me acompanha desde o início da minha carreira, e a noção de que as mulheres são seres autônomos e que devem buscar a sua autonomia, devem lutar por ela e contra os padrões sociais aos quais somos submetidas.



Crédito: Deborah Ere

4 DICAS E 1 SINGLE

Sonoridades - “Pico de Jaca” é o nome do novo disco da banda amazonense Casa de Caba, que adiciona arranjos orquestrais à mistura de ritmos característica do grupo. A pluralidade de sons que inspira a banda se refletiu no álbum com a participação de músicos convidados da Amazonas Filarmônica, como Maria Grigorova Georgieva, doutora em violino e professora da Faartes/Ufam.



Livro - Última pesquisa da artista, pintora, cenógrafa e professora Bernadete de Andrade (1953-2007), “Cidade Mítica - ou a cidade vista pelo imaginário do artista” ganhou edição inédita em livro pela Editora Valer. A obra é para todos aqueles que se interessam pela História e pelo imaginário dos povos amazônicos.

Conservação - Nunca deixe seu instrumento musical jogado em um canto qualquer da sua casa. Procure limpá-lo antes de guardar. Guarde de preferência em um case ou numa capa própria do equipamento. Se você toca todos os dias, compre um apoio próprio para o instrumento; assim, quando acabar de tocar, limpe as cordas e coloque o instrumento neste apoio. Se não tiver apoio, deixe o instrumento de cordas para baixo em uma superfície, ou se for encostado em uma parede, deixe as cordas viradas para a parede.



Single - A dupla Chapéu de Palha, formada por Giovanna Póvoas e Igor Lobo, alunos do curso de Música da Ufam, lançou a faixa “Domingo”, com produção de Viktor Judah. Disponível em todas as plataformas digitais.

MEMÓRIA DAS ARTES

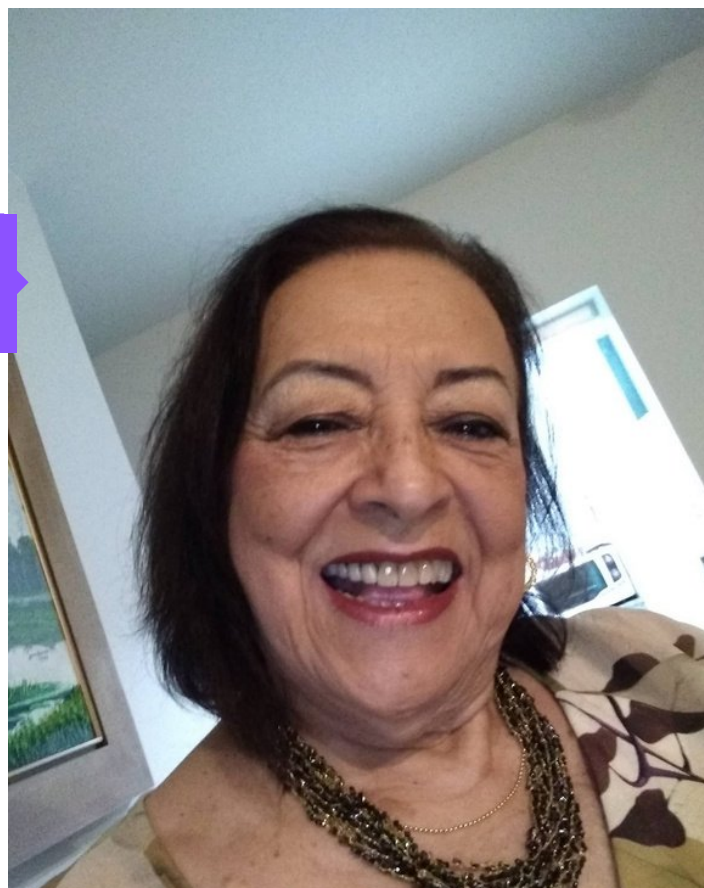
Socorro Santiago

Professora aposentada da FAARTES

Quem é Socorro Santiago?

Meu Deus, quem sou eu? Hoje posso dizer que sou uma mulher que assumiu, pelo casamento, um compromisso com um artista, Nivaldo Santiago, de oferecer suporte para que ele pudesse realizar sua arte. Foi o que tentei fazer ao longo de 60 anos e... acho que até certo ponto consegui.

Meu nome é Maria do Socorro de Farias Santiago, nasci na cidade de Itacoatiara e, a partir dos três anos de idade, fui criada ora em Manaus, ora no sítio Roseiral, casa da minha família, às margens do rio Amazonas. A cidade de Manaus da minha infância sofria a influência da debacle da borracha. Era muito pobre. Eu fiz o curso primário no Colégio Santa Doroteia, e a partir do ginásio fui transferida para o Instituto de Educação do Amazonas (IEA), onde me formei normalista. Assim, cumpri um projeto do meu pai. Eu cresci ouvindo meu pai dizer que eu ia ser professora.



Na minha época, havia música no currículo da escola, e para minha sorte, fui da “idade de ouro” do canto orfeônico no IEA, com a professora Lila Borges de Sá. Ainda não havia coral independente em Manaus, apenas nas igrejas. Então, principalmente nos eventos oficiais, éramos nós, as meninas do IEA, que íamos abrilhantar com nosso canto.

Desde cedo tive contato com as artes. Meu pai comprava livros, especialmente romances e poesia, que ele amava. Costumava-se cantar em casa. Nós, as crianças, brincávamos de teatro e música e obrigávamos os adultos a assistirem a nossas representações, que eram sempre dirigidas por mim. Frequentei o Teatro Amazonas desde os sete anos de idade. Era encantada com as peças do Teatro Escola Amazonense de Amadores, um grupo expressivo das artes locais. Adorava os recitais de piano e os programas de música, muito poucos naquele tempo.

Cantei pela primeira vez no palco do Teatro Amazonas, aos 12 anos de idade, num coral que o padre agostiniano Frei Jesus de Echeverria organizou e, que eu saiba, foi o primeiro a estender o repertório para além das peças para culto católico. Nesse grupo descobri minha voz de contralto.



Aos 18 anos, professora formada e concursada, assumi uma cadeira no Grupo Escolar “Araújo Filho”, na cidade de Parintins, para onde minha família se transferira. Em seguida, passei a lecionar na Escola de Comércio, nível de ginásio, na mesma cidade e, como me sentia preparada, introduzi a prática do canto orfeônico entre as crianças e jovens com os quais eu trabalhava. Com 20 anos eu já era diretora do Grupo, mas não estava satisfeita. Meu sonho era ir para a universidade, porém, eu não me sentia inclinada a nenhum dos cursos superiores que havia em Manaus: Direito, Serviço Social, Economia, Filosofia.

Inscrevi-me num concurso do SENAC. Passei em primeiro lugar. A partir daí minha vida mudou completamente. Fui para o Rio de Janeiro fazer o Curso de Orientação Educacional e Profissional do SENAC, tive contato com os professores da Universidade do Brasil, como era chamada a Universidade do Rio de Janeiro. Esse curso tinha uma direção muito inteligente. Um tratamento que, então, não havia nem na universidade. Estudo, pesquisa, valorização da arte na educação. Tive aulas de arte para crianças na Escolinha de Arte do Brasil, que era o que havia de mais avançado na época.

O contato com Augusto Rodrigues, o diretor e incentivador, uma pessoa que expirava arte pelos poros, valia anos de estudo. O estímulo a conhecer a arte que se fazia no Rio de Janeiro nos motivava, a mim e um grupo de colegas, a frequentar os museus, os Concertos para a Juventude, um projeto do maestro Eleazar de Carvalho no Teatro Municipal, aos domingos pela manhã. A ópera, o teatro. Fui conhecendo tudo isso de uma vez, e eu queria muito fazer parte daquilo tudo.

Ao terminar o curso, voltei para Manaus e comecei a trabalhar na Escola SENAC: eu, meu irmão Édison Farias, orientador pedagógico, e formamos uma equipe. Éramos dedicados ao trabalho e ao mesmo tempo muito amigos, trabalhávamos e nos divertíamos juntos. O lúdico sempre fez parte das nossas ações na sala de aula. Éramos realmente encantados com o que fazíamos.

Foi no circuito SESC-SENAC que conheci Nivaldo Santiago, ele trabalhava no SESC. Ali, ele mantinha o Coral do Comerciarío e um grupo de danças folclóricas.



Voltei do Rio em 1959, mas sempre que achava um tempo voltava para uma reciclagem, compromisso do próprio SENAC, ou para aquilo que mais me atraía naquela cidade – a arte. Em 1961, depois de cinco meses de namoro, estava eu casada com Nivaldo. Menos de dois anos depois, estávamos indo de armas e bagagens para Belém, onde Nivaldo foi contratado como Professor Titular (bons tempos aqueles), para dirigir o Coral da Universidade.

A partir daí nossas histórias, minha e dele, se confundem. Cheguei a Belém e já fui me inscrevendo para o vestibular da Escola de Teatro. Não era uma graduação, essa escola seguia o modelo da Escola de Arte Dramática (EAD), da Universidade de São Paulo (USP), formadora de uma plêiade de atores no Brasil. Naquela época, os professores das disciplinas técnicas da escola de Belém vinham todos de São Paulo. Sorte minha!

No meu último ano na escola de teatro nasceu meu único filho, Claudio. Limitei um pouco minhas atividades, fiquei apenas no Coral Universitário. É bom dizer que todos os anos Coral e Teatro

realizavam apresentações juntos. Dessa época é *Lacrime d'amante all sepolcro dell'amata*, um trabalho lindíssimo integrando na cena canto coral, com o maestro e seus movimentos, dança, cenário, material de cena.

Em 1968, fomos para Portugal, onde Nivaldo foi fazer um curso de Especialização em Musicologia, com o “papa” no assunto, da época, o professor inglês Macário Santiago Kastner, que vivia em Lisboa. Eu, sempre atenta, descobri um curso de especialização em Arte de Dizer, uma forma de chamar o curso de dicção, no Conservatório Nacional de Lisboa. Me inscrevi e ao final até fui convidada para fazer um programa na televisão portuguesa, declamando poemas de autores brasileiros cujo repertório eu trabalhei no curso. Mas o tempo não deu, tive que voltar para o Brasil, devendo-me essa.

Ainda não havia essa organização de cursos de hoje, na universidade: *stricto sensu*, *lato sensu*. O aluno escolhia a área, o professor, e seguia seus estudos preparando-se com os conteúdos que recebia. Cheguei a ver vários professores querendo fazer valer seus cursos como especialização sem conseguir. Em Portugal mesmo tive contato com professores brasileiros que faziam especialização na Europa. Coitados, será que conseguiram revalidá-los um dia? Nivaldo nunca tentou!

De volta a Belém, tracei um plano para um trabalho meu, independente do Nivaldo. Escolhi o curso de Letras. No ano seguinte, mudamos para Manaus, onde terminei o curso e, como costume dizer, em um semestre eu estava do lado de cá das carteiras dos alunos, no outro, do lado de lá da mesa do professor. É que coleei grau e logo fiz concurso para a UFAM. Eu era do departamento de Língua Portuguesa.

Longe do Nivaldo profissionalmente, comecei minha carreira na área de Letras. Tinha que ir atrás do tempo perdido. Me inscrevi no Mestrado em Letras na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Paraná. Não tenho certeza, mas acho que fui a primeira professora a conquistar o título de Mestre em Letras na UFAM. Mas tenho certeza de que o primeiro trabalho acadêmico na área de Letras da UFAM é meu, defendido com louvor na PUC do Paraná, em 1982: “A influência do rio na poesia amazonense contemporânea”, editado com o título “Uma poética das águas” (Editora Puxirum). No ano seguinte, 1983, fui convidada a coordenar o curso de Educação Artística, criado por iniciativa dos professores Afonso Celso Maranhão Nina e Nivaldo de Oliveira Santiago.

Quando me percebi, estava eu com uma mesa de trabalho em frente à do Nivaldo, na mesma sala. Juntamo-nos de novo. Estava escrito. Aí começa uma nova história!



Plano geral de *Lacrime d'amante al sepolcro dell'amata*, Belém, Pará, 1966. Nivaldo Santiago, de frente para o grupo, e Socorro Santiago, ao meio.

O que representava a arte no ensino superior em seu período de docência?

Poucas universidades tinham graduação em Artes no Brasil no meu período de docência. O ensino de Arte, por suas peculiaridades, não cabia na estrutura física, pedagógica e administrativa das universidades. Haveria de sempre escapar, dada sua natureza de plena liberdade. Eu costumava dizer que é muito difícil conciliar “o exercício da razão e do sonho”, implícito no ensino de Artes.

Vale dizer que quase todas as universidades tinham grupos artísticos, principalmente corais. Formalizar a graduação foi que levou tempo e trabalho. As melhores escolas de teatro no Brasil mantinham cursos de extensão, com enorme qualidade, mas livres das exigências dos cursos de graduação. Posso citar a Escola de Arte Dramática da USP, a Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará e a Escola de Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em 1997, eu havia concluído meu Doutorado em Arte – Teatro na Educação, na Escola de Comunicação e Artes da USP, e fui convidada a participar, na Universidade Federal da Bahia, da discussão para a formação de cursos de

graduação em Artes para substituir os cursos de Educação Artística, que estavam sendo extintos. Saímos dali com mais dúvidas do que certezas. Com o tempo, as coisas foram se organizando.

Nessa perspectiva, tivemos uma das melhores experiências em Manaus, pois criamos no currículo uma disciplina Seminário de Integração Artística. Durante algum tempo, éramos quatro professores – Música, Nivaldo Santiago; Dança, Lia Sampaio; Artes Visuais, Otoni Mesquita; e Teatro, eu – trabalhando com a turma ao mesmo tempo. Claro que tivemos que defender essa ideia junto à administração maior da universidade porque essa se tornou uma disciplina muito cara, dispendiosa. Porém, para nós, muito cara, querida e enriquecedora.

Sob o lema “as artes devem constituir as bases da educação”, estabelecido por Platão, reforçado por Herbert Read, e ainda tão atual, conseguimos consolidar o curso de Educação Artística, criar uma coordenação acadêmica e, posteriormente, um departamento.

Tivemos dificuldade em localizar esse novo departamento. Não havia espaço acadêmico para ele, não havia espaço físico para ele! Na Faculdade de Educação, onde o curso estava instalado, exigia uma reestruturação da unidade, o que não foi aceito. Assim, o novo departamento foi agregado ao Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), até ser criada a atual Faculdade de Artes (FAARTES), não sem muita luta.

Eu estava engajada no movimento nacional que defendia a inclusão das Artes no currículo da educação básica, não como atividade, mas como forma de conhecimento, em todas as suas modalidades, com professores específicos para cada uma delas. Conseguimos que fosse incluído na Constituição de 88, mas, mesmo assim, a arte ainda não ocupa o seu devido lugar na escola.

A relação com outros cursos deu-se principalmente no processo de interiorização da universidade, o Projeto Coari, do qual Nivaldo

participou desde o princípio realizando um trabalho com música naquela cidade.

Mais tarde todos nós fomos chamados e realizamos trabalhos com crianças, com adultos, em cursos de curta duração e colônias de férias, no mês de julho, das quais participavam alunos de vários cursos da UFAM.

Devo lembrar que sempre nos norteou a ideia de valorização do lugar onde íamos trabalhar. Lembro-me da primeira vez que levamos uma turma do nosso curso, aliás, a primeira turma, mais as professoras Lia Sampaio e Dionéia Montefusco. Fizemos questão de não levar materiais nenhuns de Manaus, queríamos descobrir juntos com os alunos locais os recursos da própria cidade de Coari, bem mais tarde vim a saber que este era um princípio defendido por Brecht na peça didática. Lançar mão dos recursos que estão à mão.

Chegamos, em uma das colônias de férias, a convidar uma artesã de cestaria, D. Maria, conhecida cesteira de Coari, para ensinar nossos alunos universitários. Ela ficou muito feliz com o convite e os alunos vieram contentes, trazendo abanos, paneiros, etc., produzidos por eles nas aulas de D. Maria.

"OS CURSOS DE LICENCIATURA EM ARTES, PRINCIPALMENTE, DEMANDAM UMA EXPERIÊNCIA DE INTEGRAÇÃO DAS VÁRIAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS. BERTOLT BRECHT PROPÕE NO SEU MODELO DE PEÇA DIDÁTICA ESSA INTEGRAÇÃO."

Algum fato importante aconteceu para a transformação das Artes na UFAM?

Em 1973, de volta a Manaus, Nivaldo trazia uma experiência que, embora não fosse ideal, era muito mais do que encontrou em Manaus em matéria de ensino de Música. Na Universidade Federal do Pará, deixou em funcionamento o Coral da Universidade, a Orquestra da Universidade, o madrigal Camerata de Belém, semiprofissional, além de cursos livres de Música.

Encontramos em Manaus o Conservatório de Música, que havia sido criado pelo Maestro Dirson Costa, no âmbito do governo estadual, sob os auspícios do Coral João Gomes Jr., que, não conseguindo desenvolvê-lo, passou para a Universidade Federal do Amazonas, com instalações próprias, mas lidando com enorme carência de professores.

Nivaldo jamais conseguiu formar uma orquestra no seu tempo. Lutou junto às estruturas de poder na UFAM para melhorar os cursos do Conservatório, ao qual ele ia agregando outras artes. Pretendeu formar o Centro de Artes, mas essa terminologia já implicaria estrutura acadêmica, o que não era o caso. Ficou, então, Setor de Artes.

O Setor de Artes contemplava o ensino das várias modalidades artísticas, em cursos de extensão de Música e Artes Plásticas para crianças e adolescentes, além de atividades como o Coral Universitário e o Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (NUDAC), além do grupo de dança para adolescentes, Dança Juventude e Música e Movimento, para crianças. A ideia era que o Setor de Artes funcionasse como um laboratório para os alunos da graduação, o que não chegou a ser concretizado.

Diria que a transformação das Artes na UFAM é uma decorrência de todo esse processo.

A filosofia que animava o trabalho de Nivaldo era a educação musical, preconizada por Heitor Villa-Lobos, da qual o canto coral seria o instrumento básico, questão essa discutida em nível nacional nos encontros de corais, nos painéis de canto coral da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), e por um contato frequente com educadores musicais tais como: Levino Alcântara e Orlando Leite, de Brasília; Elza Lakschevitz, Cecília Conde e José Maria Neves, do Rio de Janeiro; Henrique Morozovicz, de Curitiba; Samuel Kerr, de São

Paulo; José Pedro Boéssio, do Rio Grande do Sul, entre outros, em cujo meio pairavam as ideias de Kollreutter, professor de Música alemão que estruturou os Seminários de Música da Universidade Federal da Bahia, existente até hoje.

Socorro Santiago e Nivaldo Santiago são duas importantes personalidades na formação docente nas Artes no Amazonas. Como atuavam juntos?



Em uma de minhas idas a Manaus, um ex-aluno de Educação Artística me falou: “Vocês têm consciência do que você e Nivaldo representam para a arte no Amazonas”?

Na verdade, sei que dediquei os melhores anos de minha vida, o melhor da minha produção intelectual e profissional, o melhor da minha força de trabalho, com amor, à UFAM, ao ensino das Letras e das Artes na minha terra. Sei que com o Nivaldo aconteceu o mesmo.

Acredito que, na minha exposição acima, já registrei muito da nossa forma de trabalho. O resto, os registros fotográficos estão a constatar, eu no palco, eu na sala de aula, eu e ele, sempre juntos rumo à conquista do nosso ideal, sensibilizar as pessoas através da arte! Hoje, quando venho a Manaus e vejo o real crescimento, principalmente da música na cidade, e, em cada canto um aluno do Nivaldo, um aluno meu, fico feliz!



Hoje o bloco da FAARTES tem como nome “Professor Emérito Maestro Nivaldo Santiago”. Como a senhora vê esta homenagem e seu significado para esse novo futuro da faculdade?

Gente, neste momento só me lembro do meu grande professor de teatro na educação, Bertolt Brecht, e é a ele que recorro para responder a vocês: “Ele deu sugestões, nós as aceitamos”!



Descerramento da placa com o novo nome do bloco da Faculdade de Artes, em julho de 2021, contou com a presença do reitor Prof. Sylvio Puga, da professora Socorro Santiago, e do diretor da Faartes, Prof. João Gustavo Kienen.

**LEIA A ENTREVISTA
COMPLETA NO NOSSO SITE:**

<https://faartes.ufam.edu.br/ultimas-noticias/278-memoria-das-artes-socorro-santiago.html>

DÁ UM GOOGLE

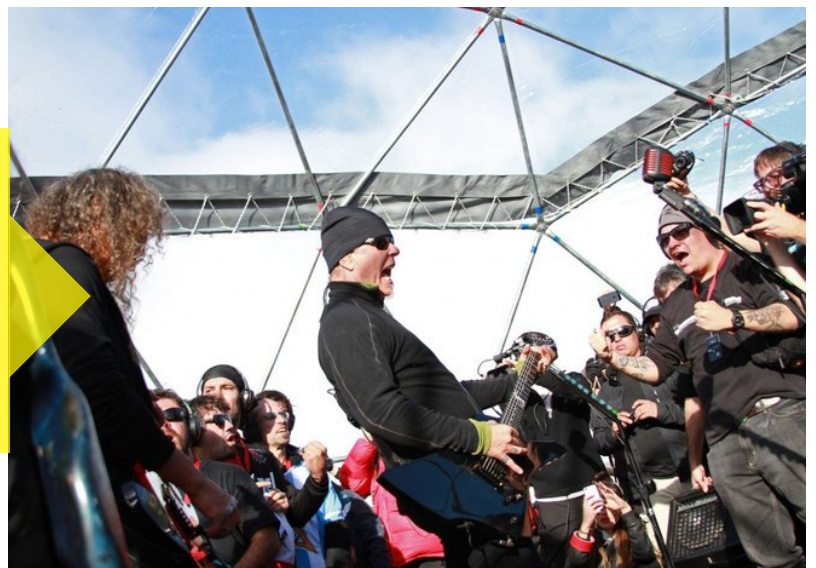
Filme raro - Uma filmagem realizada pelo cineasta Sacha Guitry, no verão de 1915, mostra o artista Claude Monet (1840-1926) pintando as suas famosas ninfeias em seu ateliê localizado em Giverny, na França. No local, Monet mandou cavar um lago, que encheu de inúmeras ninfeias, plantas aquáticas de cores variadas. Esse jardim inspirou telas enormes a que o artista se dedicou nas últimas três décadas da sua vida.

<https://www.youtube.com/watch?v=BJE4QUNgaeg>



Já desconfiava! - Você sabia que a música ativa a mesma parte do cérebro que libera a dopamina, neurotransmissor responsável pela sensação de prazer e bem-estar?

Guinness Book - A banda Metallica foi incluída no Livro dos Recordes como sendo a primeira banda a tocar em todos os sete continentes do planeta, após os músicos se apresentarem na Antártida, em 2013.



SE LIGA, HEIN!



Exposições – Na Casa das Artes estão em cartaz quatro mostras: “Versos 125 Anos – Corpos Artísticos no Teatro Amazonas”, do fotógrafo Michael Dantas; “Videopoemas nas ruas”, produção de Rafael César com Ana Paula Lustosa, Cris Silva, Isabella Lillo, Felipe Fernandes e Cesar Nogueira; “As Amazonas – A Lenda Fotografada”, do fotógrafo Tácio Melo; e “Cabeça Maloca”, do grafiteiro Tial.

Onde: Largo São Sebastião

Quando: Terça a domingo, das 15h às 20h

Mostra coletiva - A Galeria de Artes da UFAM (Caua) reabriu as portas no mês de novembro e o público já pode voltar a conferir a exposição fotográfica “Olhares Diferenciados”, uma mostra do trabalho de quatro artistas (Vera Carla, Khetllen Costa, Aline Medeiros e Rosely Cavalcante) sobre sua visão da natureza, seja a partir de um detalhe ou na amplitude da paisagem. Vale a visita!

Onde: rua Monsenhor Coutinho, 724, Centro

Quando: Segunda a sexta, das 9h às 16h; sábados, das 9h às 13h

OLHARES DIFERENCIADOS
EXPOSIÇÃO COLETIVA DE FOTOGRAFIAS

Aline Medeiros
Vera Carla
Rosely Cavalcante
Khetllen Costa

Realização:
UFAM UFAM

ABERTURA 19 HORAS
06 DE MARÇO

Horário de visitação: segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 17h.
Local: Centro de Artes da UFAM - CAUA - R. Monsenhor Coutinho, 724 - centro, Manaus-Am



Crédito: Anderson Souza

Virtual - A Galeria de Arte da Ufam (GAU) está com duas exposições em exibição no seu espaço virtual. A primeira é “[In]Certezas”, que apresenta um panorama do que os artistas participantes sentiram/pensaram durante o isolamento através de sua expressão visual. Outra mostra é “Mãos, palavras do corpo”, que reúne ensaios fotográficos de 13 artistas visuais, tendo como fio condutor a poética das mãos.

Acesse em:

<https://sites.google.com/ufam.edu.br/gau>

Fluxo contínuo - Revistas científicas que aceitam submissões a qualquer momento

ÍCONE

10
ANOS
HISTÓRIA
DA ARTE
UFRGS

Ícone - Revista Brasileira de História da Arte
(<https://seer.ufrgs.br/icone/index>)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Tem como foco a divulgação de artigos, resenhas e traduções na área de História, Teoria e Crítica de Arte. Público alvo: graduandos, pós-graduandos, pesquisadores e especialistas da área de História da Arte.



PORTO ALEGRE V. 5 Nº 6 2020

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA ARTE

OPUS

ISSN 1517-7017

Revista da ANPPOM

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E
PÓS-GRADUAÇÃO DE MÚSICA

v. 27, n. 2
Maio/Agosto 2021

OPUS - Revista Eletrônica da Anppom

(<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/index>)

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música

Classificada no estrato A1 do Qualis Periódicos, a revista está aberta a colaborações do Brasil e do exterior. Publica artigos, resenhas, traduções e entrevistas em português, espanhol e inglês.